
A Cognição no Pensamento de Maritain

Álvaro Queiroz¹

Resumo

A problemática cognitiva sempre esteve na pauta das discussões dos pensadores tomistas e neotomistas. Por isso, não é de estranhar que o filósofo francês contemporâneo, Jacques Maritain, considerado uma das maiores expressões do Neotomismo no século XX, tenha se debruçado sobre essa empolgante questão. Este artigo aborda especificamente a questão gnoseológica na perspectiva de Maritain. A temática apresenta-se dividida em cinco pontos: o primeiro trata a respeito dos diferentes graus do saber; o segundo enfoca a tese do realismo objetivo no campo cognitivo; o terceiro estuda a distinção entre idéia e imagem; o quarto apresenta o problema da origem das idéias; e o quinto aborda o importante fenômeno da intuição.

Palavras-chave: Cognição; Teoria do Conhecimento; Jacques Maritain.

Professional profile for the active physiotherapists in metropolitan region of the Recife

Abstract

The cognitive problem has always been on the agenda of the Thomist and neo-Thomist thinkers. So it is not surprising that the contemporary French philosopher, Jacques Maritain, considered one of the greatest expressions of neo-Thomism in the twentieth century, has bent over this exciting question. This article specifically addresses the gnoseological question from Maritain's perspective. The theme is divided into five points: the first deals with the different degrees of knowledge; the second focuses on the objective realism thesis in the cognitive field; the third studies the distinction between idea and image; the fourth presents the problem of the origin of ideas; and the fifth addresses the important phenomenon of intuition.

Keywords: Cognition; Theory of Knowledge; Jacques Maritain..

1. Introdução

A cognição é um dos problemas mais interessantes da Filosofia e da Psicologia. O termo cognição vem do latim – *"cognitio"* – e significa faculdade, ato ou ação de conhecer, aquisição

¹ Instituto Federal de Alagoas – Campus Satuba, Brasil; alvaro.queiroz62@gmail.com

de conhecimento; pode ser entendido ainda como o conjunto de estruturas e atividades psicológicas cuja função é a do conhecimento. Na Filosofia, existe um tratado específico sobre o assunto denominado *Gnoseologia ou Teoria do Conhecimento*. Em Psicologia, o tema é de fundamental importância para diversas áreas como Psicologia Cognitiva, da Aprendizagem e da Percepção, entre outras.

A problemática cognitiva sempre esteve na pauta das discussões dos pensadores tomistas e neotomistas. Por isso, não é de estranhar que o filósofo francês contemporâneo, Jacques Maritain, considerado uma das maiores expressões do Neotomismo no século XX, tenha se debruçado sobre essa empolgante questão.

O literato e filósofo Jacques Maritain nasceu em Paris, no ano de 1882. Vinculado na primeira juventude ao socialismo revolucionário, converteu-se ao Catolicismo em 1906, com sua esposa Raíssa, influenciado por Léon Bloy. Iniciou-se como filósofo tomista em 1913, numas conferências sobre Bergson, de quem fora discípulo pouco antes. No ano seguinte, foi convidado para ensinar História da Filosofia Moderna no Instituto Católico de Paris, para ser posteriormente chamado ao Instituto de Estudos Medievais da Universidade de Toronto (Canadá) e a Universidade de Colúmbia (EUA). A vida de Maritain é a de um professor universitário dedicado ao estudo e à pesquisa filosófica. Sua obra é ampla e cobre praticamente todo o âmbito da Filosofia. É considerado, ao lado de Gilson, o principal renovador do pensamento de Santo Tomás em nosso tempo. Faleceu em Toulouse (França), no ano de 1973, após uma profícua existência e uma fértil produção intelectual. Isso explica por que, depois da sua morte, começaram a florescer, em diversas partes do mundo, centros de estudo do seu pensamento. Maritain soube, com efeito, criar uma síntese feliz entre as aspirações da nossa época e as teses fundamentais do sistema tomista.

As teorias de Jacques Maritain exercem decisiva influência na Psicologia, sobretudo no campo da cognição. O nosso pensador desenvolve uma gnoseologia de caráter metafísico, além de abordar temas como a distinção entre idéia e imagem, o problema da origem das idéias e o fenômeno da intuição. Este artigo aborda especificamente a questão gnoseológica na perspectiva de Maritain. A temática apresenta-se dividida em cinco pontos: o primeiro trata a respeito dos diferentes graus do saber; o segundo enfoca a tese do realismo objetivo no campo

cognitivo; o terceiro estuda a distinção entre idéia e imagem; o quarto apresenta o problema da origem das idéias; e o quinto aborda o importante fenômeno da intuição.

Convém ressaltar, por fim, que o presente artigo foi compilado a partir de uma monografia por mim elaborada sob a orientação do Pe. Teófanos Augusto de Araújo Barros, professor titular de História da Filosofia, no Seminário Provincial de N. Sra. da Assunção, em Maceió. Assim, este artigo, além do caráter acadêmico e da contribuição científica e filosófica, quer também homenagear – in memoriam – ao mestre e amigo, Pe. Teófanos, fundador do CESMAC, primeiro professor de Psicologia das Alagoas, cientista, filósofo, teólogo e maritainista declarado.

2. Os Graus do Saber

Em seu livro *Distinguer pour Unir ou Lês Degrés du Savoir*, publicado pela primeira vez no ano de 1932, Maritain aborda o problema do conhecimento do ponto de vista de uma “topologia metafísica”, confirmando o valor do realismo tomista; nisso está em nítida oposição ao idealismo contemporâneo, no qual censura o fato de negligenciar vários aspectos do real.

Hostil à idéia de plano único de inteligência Maritain propõe, ao contrário, uma escala de planos diferentes, abordáveis segundo graus de abstração correspondentes a graus do ser. É por isso que o espírito humano deve evitar o imobilismo e aceitar desenvolver-se por meio de uma multidão de conceitos, de uma pluralidade de ciências e de graus do saber.

A originalidade do trabalho de Maritain está na diferenciação das abstrações que ele põe em evidência. Ele destaca uma distinção importante: enquanto as ciências da natureza multiplicam seus procedimentos de compreensão, a metafísica, por sua vez, progride para a interioridade.

3. O Realismo Objetivo

De acordo com o nosso filósofo, o fundamento de todo conhecimento humano é o contato com as essências do mundo material. A base de todo o nosso conhecimento é o nosso contato imediato com o mundo que nos circunda. A gnoseologia maritainista fundamenta-se no realismo objetivo, e o fato de que essa objetividade nos põe em contato com as essências. Ele é fiel à velha tradição da filosofia grega, separando a essência interna, ou

substância das coisas, das suas “propriedades” externas. Essas propriedades nada mais são do que a aparência, oposta à realidade substancial interna. Aliás, por separar as qualidades externas das coisas de sua essência substancial, Maritain restringe o conhecimento da ciência moderna a mero “conhecimento empiriológico da natureza”. Por essa expressão, o nosso pensador queria identificar a frieza artificial do conhecimento técnico-científico, enquanto, acentuando o valor de sua metafísica sensorial, procurava proclamar a universalidade do humanismo, apoiado na filosofia aristotélico-tomista.

Maritain sugere dois tipos “tecnicamente” diversos de conhecimento. O primeiro conhecimento, universal, baseado nos dados sensoriais primários, revelaria, de acordo com ele, essências ou “quididades” substanciais. Esse conhecimento revelaria mormente o “realismo existencial” do aristotelismo-tomista. No entanto, as construções conceituais da moderna ciência, muito inspiradas na filosofia de Kant, para quem “conhecer é fabricar”, não põem a mente humana em contato com realidades, são apenas instrumentos úteis. Por meio deles não conhecemos as coisas, temos apenas informações que auxiliam a tirar proveito de algum novo aspecto da realidade. Esse é o “conhecimento empiriológico”.

Ao longo de todo o livro **“Distinguer pour Unir ou Les Degrés du Savoir”**, encontramos expressões como:

As próprias ciências naturais ao mostrarem que é possível conhecer a natureza, embora a conheçam de maneira essencialmente insatisfatória, indicam que há possibilidade de um conhecimento no qual a inteligência – efetivando a misteriosa inteligibilidade das coisas em um nível mais profundo – descobre nelas o ser pelo qual aspira como seu objeto natural. (MARITAIN, 1932, pl 578-79).

Para Maritain, o grave erro do pensamento moderno, a partir de Descartes, foi desligar o homem ontologicamente de seu contato direto com o mundo objetivo do existir. O realismo objetivo compelia-o a falar das coisas de maneira direta e imediata. As coisas, as “quididades”, como dados objetivos, delimitavam também as ilusões do homem. Confinado ao próprio pensamento, ou ao mero pensar lógico, o homem poderia imaginar que, criando um sistema lógico, estaria criando por suas próprias forças intelectuais um sistema metafísico. Ao aceitar a objetividade direta e imediata de seu conhecimento, o homem reconhece “a primazia que o tomismo autêntico atribui à existência e à intuição do ser existencial”. Assim, faz-se necessário considerar o realismo objetivo de Maritain como contato direto com as essências do mundo

material, legitimando o conhecimento em termos humanos, existenciais e universais, em oposição ao restrito artificialismo da epistemologia moderna.

4. Ideia e Imagem

Outro ponto a ser estudado aqui é da distinção entre idéia e imagem. Segundo a linha maritainista, as coisas se tornam presentes à nossa mente por meio de nossas idéias, que são as imagens ou reproduções internas das coisas pelas quais estas nos são apresentadas de maneira que possamos raciocinar sobre elas (e portanto adquirir-lhes a ciência). Noutros termos, pode-se dizer que a realidade ou os objetos se nos apresentam de duas maneiras distintas, ou por uma idéia ou por uma representação sensível. Pela primeira pensamos (*intelligimus*) a coisa; pela segunda imaginamo-la. A representação sensível não passa de uma imagem daquilo que vimos, ouvimos, tocamos, em suma, daquilo que nos foi mostrado primeiramente por uma sensação. Por essa razão, Maritain assevera:

As idéias são as similitudes internas das coisas pelas quais estas nos são apresentadas de modo que possamos raciocinar sobre elas (por conseguinte adquirir-lhes a ciência); as imagens são as similitudes internas das coisas pelas quais essas mesmas coisas nos são apresentadas como no-las mostraram primeiramente nossas sensações. As palavras significam diretamente as idéias, mas evocando ao mesmo tempo imagens. (MARITAIN, 1951, p. 104).

Se digo, por exemplo, a palavra *avião*, tenho em mim a **idéia** de avião, pela qual posso raciocinar sobre a coisa de que se trata, e tenho, ao mesmo tempo, a **representação sensível**. Ora, a idéia e a representação são bem diferentes; a prova disso é que posso fazer variar a segunda de muitas maneiras sem que a primeira varie. Com efeito, posso imaginar um avião maior ou menor, azul, branco ou vermelho, sem que se altere a idéia de avião que tenho em minha mente. Tal idéia não me apresenta nenhum avião particular e deixa de lado todos os sinais individuais (singulares) que distinguem este avião daquele. Ela faz **abstração** de ambos, como dizem os filósofos tomistas. Dessa forma, percebemos imediatamente o caráter abstrato da idéia: quando passamos das imagens para as idéias, tudo aquilo que é particular (singular) se volatiliza, por assim dizer, escapa por entre nossos dedos, desaparece. Noutras palavras, estamos querendo dizer que os objetos, tais quais nos são apresentados pelas sensações e

imagens, estão em forma singular ou individual, enquanto os que nos são apresentados pelas nossas idéias estão em forma abstrata ou universal.

5. Problema da Origem das Idéias

Estabelecida a distinção entre idéia e imagem, resta ainda um problema capital do pensamento maritainista, que é o da origem das idéias. Como explicar em nós mesmos a presença destas idéias que nos servem para raciocinar sobre a realidade e pelas quais as coisas nos são apresentadas sob um estado de universalidade?

Sobre o problema da origem das idéias, os filósofos podem ser distribuídos sumariamente em três grandes grupos:

1º) Os **inatistas ou racionalistas** reconhecem bem a diferença essencial que separa as idéias das sensações e das imagens, mas negam que tiramos nossas idéias do dado sensível. Nesta categoria podemos colocar Platão, na antigüidade, Descartes e Leibniz, nos tempos modernos; a títulos diversos, admitem esses três filósofos que existem idéias inatas em nós. Kant é igualmente inatista num sentido um pouco diferente, pois para ele aquilo que é inato em nós não são propriamente as idéias, mas as regras ou formas de acordo com as quais nossa mente produz seus objetos de ciência.

2º) Os **sensistas ou empiristas** afirmam que as idéias vêm dos sentidos, mas reduzem as idéias às sensações. Dentre eles podemos citar Locke, Hume e Stuart Mill, na Inglaterra, e Condillac, na França.

3º) A escola de Aristóteles e de Santo Tomás de Aquino ensina que nossas idéias vêm dos sentidos (e portanto das coisas), mas pela atividade de uma faculdade espiritual e são essencialmente diferentes das sensações e das imagens.

Como neotomista convicto, o nosso pensador segue estritamente a mais pura e genuína tradição clássica. Ele afirma:

“Nossas idéias são tiradas ou abstraídas do dado sensível pela atividade de uma faculdade especial (intelecto agente) que ultrapassa toda a ordem dos sentidos e que é como que a luz de nossa inteligência.” (MARITAIN, 1951, p. 114).

De fato, é bastante observar o desenvolvimento intelectual de uma criança para se convencer de que todo o nosso conhecimento começa pelos sentidos. Aliás, como poderiam vir nossas idéias das coisas, se elas não viessem dos sentidos, os quais estão em contato imediato

com as coisas? Portanto, o conhecimento intelectual (ou pelas idéias) deve ser tirado do conhecimento pelos sentidos. Entretanto, a idéia não resulta de nenhuma combinação ou destilação de sensações ou de imagens. É necessário considerar em nós uma certa atividade de ordem superior, aquilo que os peripatéticos denominavam de *"intelecto agente"* – uma espécie de luz intelectual que, aplicando-se ao objeto introduzido em nós pelas imagens, fará jorrar para a inteligência algo que ali estava contido, mas oculto, e que as imagens por si mesmas não apresentavam. Esse ato intelectual de verdadeira extração da essência das coisas é chamado pelos filósofos tomistas de *abstração*, ou seja, a operação pela qual tiramos nossas idéias do tesouro de imagens acumuladas pela experiência sensível, idéias que nos apresentam o que o objeto é, abstração feita da individualidade (ou singularidade) deste. Assim, segundo Maritain, **será a "forma ou a similitude inteligível" do objeto que vem imprimir-se na inteligência para determiná-la a conhecer, fazendo-a produzir dentro de si mesma, por uma reação vital, a idéia pela qual apreende o objeto sob o estado de universalidade.**

6. Intuição

Posição igualmente importante ocupa o fenômeno da intuição na filosofia de Jacques Maritain, em razão de seu discipulado junto a Bergson. Ele opõe à intuição bergsoniana suas próprias concepções a respeito do conhecimento intuitivo, expondo os três principais sentidos da palavra intuição. Recorda ele, em primeiro lugar, o sentido etimológico da palavra e dele distingue, em seguida, um sentido filosófico e um sentido vulgar.

Sobre o sentido etimológico, Maritain contenta-se em afirmar que ele está muito próximo da palavra *visão* e **"se relaciona em primeiro lugar com a percepção visual, que permanecerá sempre como o tipo sensível e o exemplo mais cômodo de toda intuição"** (MARITAIN, 1948, p. 125).

No sentido filosófico ou técnico, a palavra intuição significa, precisa Maritain, **"um conhecimento ou uma percepção imediata, um conhecimento ou uma percepção direta, em que a coisa conhecida termina o ato de conhecimento sem intermediário, sem interposição de um meio termo, onde ela é vista, numa palavra"** (Idem, *ibidem*). Mas, que entende o nosso autor pelos termos *imediato, direto, sem intermediário*? Segundo ele, a rigor, essas palavras designariam um conhecimento que não comporta intermediário ou meio, mesmo subjetivo. Porém, num sentido muito amplo, elas podem ser aplicadas também a um conhecimento que,

embora comporte um intermediário subjetivo, não comporta um intermediário objetivo, ou seja, que atinja diretamente seu objeto sem interposição de um outro termo ou objeto conhecido de início. Um intermediário objetivo é, portanto, um ser conhecido ele mesmo de início, e cujo conhecimento nos proporciona, de certa maneira, o conhecimento de um outro ser. Por intermediário subjetivo, Maritain designa as similitudes psicológicas do objeto, imagens ou conceitos, requeridas tanto pelo conhecimento sensível como pelo conhecimento intelectual. Se considerarmos como imediato o conhecimento obtido por meio de um intermediário subjetivo, então poderemos admitir, inspirando-nos na doutrina tomista, três tipos de intuição:

1ª) **A percepção sensível**, que é a intuição que atinge o objeto como fisicamente presente, enquanto juntamente dado na existência atual, e, portanto, também em sua própria singularidade.

2ª) **A percepção introspectiva do "eu"**, que é a intuição experimental da própria alma enquanto presente e ativa.

3ª) **A percepção intelectual**, que é a intuição pela qual a inteligência extrai, através da abstração, a natureza das coisas, isto é, uma verdadeira intuição abstrativa.

Quanto ao sentido vulgar, explica Maritain que não mais se trata, então, da **"imediatez" do ato de conhecimento**, mas sim da espontaneidade com a qual o sujeito tem acesso, em certos casos, a esse ato de conhecimento. Aqui, a palavra intuição é, para nosso autor, sinônimo de adivinhação. Aplica-se ao conhecimento de inclinação, que é um conhecimento espontâneo ou instintivo. É nesse sentido que na linguagem corrente se fala das intuições do coração (por exemplo: intuição feminina, intuição materna etc.). Maritain assevera que

...ter uma intuição, nesse sentido, significa adivinhar, saber sem raciocinar, formar sem preparação discursiva uma idéia justa ou um juízo correto [...] Tudo se reduz, quando não se trata de um instinto puramente sensitivo, ao exercício espontâneo da inteligência sob a influência de certas causas, antes de tudo em sua imbricação vital com a imaginação. (Idem, ibidem, p. 143-144).

A inteligência não procede, então, como de hábito, por raciocínio; seu ato brota espontaneamente e apresenta, assim, um aspecto "divinatório", embora esteja privado da certeza demonstrativa.

São tais intuições que, mais ou menos confusas, precedem e acompanham sempre a elaboração intelectual, fazem prever a solução antes que ela seja verificada e demonstrada, e estão na origem das grandes conquistas do pensamento. É também por uma intuição desse tipo que a inteligência pode, às vezes, perceber num princípio, com um simples olhar, uma conclusão até então oculta. Nesse gênero de conhecimento, a inteligência continua a desempenhar o papel principal; mas, como aliás em todo conhecimento humano, é a atividade da alma inteira que, pelas influências infinitamente variadas de suas diversas potências sobre o exercício da faculdade intelectual, participa do processo do conhecimento.

O apanhado sobre as diferentes modalidades de conhecimento que podem ser considerados, segundo Maritain, como intuitivos dá uma idéia geral de suas concepções sobre a função da intuição na estrutura cognitiva humana. Parece-nos, então, que na sua gnoseologia ele põe em evidência o papel da intuição: esse tema consistiria, assim, em provar que o conhecimento lógico é válido porque comporta uma intuição e a inteligência não é somente a razão lógica, mas possui outras maneiras de conhecer, também elas intuitivas.

7. Conclusão

Depois de tudo o que foi aqui exposto sobre a teoria de Jacques Maritain acerca do fenômeno da cognição humana, percebe-se que ela está profundamente calcada na doutrina filosófica do realismo tomista. Partindo desse princípio, o nosso autor reconhece as exigências da realidade objetiva, sem prescindir da intuição. Apesar do excessivo acento metafísico, hoje aceito com restrições nos meios acadêmicos, deve-se exaltar a base epistemológica de seu pensamento: a objetividade dos dados sensoriais primários e a base universal da noção generalizada de realidade. Essa herança aristotélico-tomista, embora modificada, ainda hoje é válida.

Referências

ABASCAL, J. M.. *La Intuición Estética*. México: Editorial Jus, 1968.

DAUJAT, J.. *Maritain: Un Maître pour Notre Temps*. Paris: Téqui, 1978.

MARITAIN, J.. *Distinguer pour Unir ou Les Degrés du Savoir*. Paris: Desclée de Brouwer, 1932.

_____. *La Philosophie Bergsonienne*. 3. ed.. Paris: Téqui, 1948.

_____. *Éléments de Philosophie (I) – Introduction Générale a la Philosophie*. 23. ed.. Paris: Téqui, 1951.

_____. *A Intuição Criadora – A Poesia, o Homem e as Coisas*. PUC Minas: Instituto Jacques Maritain, 1999.

SAMPAIO, L. F. de A.. *A Intuição na Filosofia de Jacques Maritain*. In: *Coleção Filosofia n° 40*, São Paulo: Loyola, 1997.